

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



## O que dizem as narrativas de estudantes cotistas da UFCAT?

**Ludmila Jardim da Conceição**

Mestra em Educação

[ludmilajardim@ufcat.edu.br](mailto:ludmilajardim@ufcat.edu.br)

**Rita Tatiana Cardoso Erbs**

Doutora em Educação

FAE/UFCAT

[ritaerbs@gmail.com](mailto:ritaerbs@gmail.com)

**GT 2: História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica**

### RESUMO

A partir de uma pesquisa de mestrado na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), o estudo analisa, com abordagem (auto)biográfica, as narrativas de estudantes cotistas PPIs para compreender desafios e respostas institucionais à permanência. Embora políticas como a Lei de Cotas e o PNAES tenham ampliado o acesso, persistem desigualdades estruturais. Com base nos conceitos de colonialidade e decolonialidade, evidencia-se que a universidade é um espaço de disputa entre exclusão e resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Decolonialidade. Ações afirmativas. Pesquisa (auto)biográfica.

### INTRODUÇÃO

A ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil, impulsionada por políticas de ação afirmativa como a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas) e o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), tem proporcionado o ingresso de sujeitos historicamente excluídos das universidades públicas — sobretudo estudantes pretos, pardos e indígenas (PPIs). No entanto, ao mesmo tempo em que promove a democratização do acesso, esse processo também

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



escancara a permanência das desigualdades estruturais no interior das instituições, evidenciando a insuficiência das políticas existentes diante das múltiplas formas de exclusão vivenciadas por esses estudantes. O presente artigo deriva da nossa pesquisa de mestrado em Educação, denominada “Estudantes cotistas na UFCAT: desafios frente à lógica colonial” e tem como objetivo compreender, por meio das narrativas de estudantes cotistas da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), os embates institucionais em torno das políticas de permanência. Especificamente, o presente texto se concentra na terceira cena da dissertação, que trata das respostas institucionais diante das demandas por permanência expressas por estudantes cotistas.

A investigação adota a abordagem (auto)biográfica, baseada nas narrativas de vida dos participantes, valorizando a memória, linguagem e subjetividade. Inspirada em Passeggi (2011), rompe com metodologias objetificantes e se orienta por uma ética do cuidado, priorizando a escuta e o respeito às trajetórias singulares, sem se centrar na história pessoal da pesquisadora. Assim realizou-se entrevistas semiestruturadas com seis estudantes cotistas PPIs da UFCAT, selecionadas/os de forma intencional com base em critérios de diversidade identitária (gênero, raça, território de origem) e acadêmica (área de formação e vínculo com a instituição).

A verificação dos dados foi orientada pela compreensão cênica proposta por Marinas (2007), que considera a narrativa como um repertório de cenas, em que se articulam palavra plena, palavra vazia, silêncio e expressividade. O modelo dialético adotado favoreceu a aproximação entre o relato individual e os contextos sociais, institucionais e históricos que o atravessam.

A pesquisa utiliza os conceitos de colonialidade e decolonialidade para explicar que as dificuldades de permanência de estudantes cotistas vão além de fatores econômicos, estando ligadas a uma cultura acadêmica que historicamente exclui sujeitos e saberes. A colonialidade mantém hierarquias eurocentradas mesmo após o fim do colonialismo, enquanto a

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



decolonialidade propõe romper essas estruturas, legitimando conhecimentos subalternizados e promovendo formas plurais de existência.

## DESENVOLVIMENTO

O conflito central desta trama está no paradoxo da universidade brasileira, que, apesar de se afirmar inclusiva e democrática, continua atravessada por lógicas coloniais e capitalistas que limitam sua autonomia e seu potencial emancipador, expressando-se na precarização estrutural, na reprodução de privilégios e nas barreiras que afetam a permanência plena de estudantes negros, indígenas e de baixa renda.

Fruto das lutas dos movimentos negro e indígena, políticas públicas de inclusão buscam enfrentar desigualdades históricas e transformar as universidades, alterando sua composição e desafiando currículos, práticas e estruturas de poder eurocentradas. As ações afirmativas, aqui, configuram-se como políticas voltadas a corrigir desigualdades estruturais e ampliar o acesso e a permanência de grupos socialmente marginalizados em espaços de prestígio e poder, como as universidades públicas.

A Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) estabelece que as instituições federais de ensino reservem um percentual de suas vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, com recortes específicos para renda, raça/cor e pessoas com deficiência, contemplando assim, de forma combinada, critérios sociais e raciais. Já o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído em 2010, busca garantir a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica por meio de ações e auxílios nas áreas de moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico.

A UFCAT, espaço onde se desenrola esta trama, é uma universidade recente, criada no contexto da política de interiorização do ensino superior federal, cujas particularidades

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



influenciam diretamente as experiências de permanência estudantil. As pessoas participantes desta pesquisa (estudantes cotistas de diferentes origens e identidades) compõem o núcleo da narrativa, trazendo à tona múltiplas dimensões da permanência, desde o acesso às políticas de assistência até as relações sociais, identitárias e acadêmicas que moldam sua vivência universitária.

Ao abordar a Cena 3, denominada “Experiências acadêmicas e sociais de estudantes cotistas na UFCAT”, este artigo busca explorar como essas trajetórias revelam, simultaneamente, os efeitos concretos das políticas afirmativas e de permanência e as contradições que ainda persistem no espaço acadêmico. Nesse sentido, a análise não se limita à descrição das conquistas e dificuldades, mas procura compreender de que maneira essas vivências dialogam com o desafio maior de romper com a lógica colonial que ainda estrutura o ensino superior brasileiro.

A partir das narrativas de seis estudantes cotistas da UFCAT, emergem experiências que combinam conquistas e enfrentamentos, revelando tanto a importância das políticas afirmativas e de assistência quanto os limites de sua efetividade. Essas histórias, baseadas em trajetórias singulares, mostram que a permanência não é apenas uma questão de acesso a benefícios materiais, mas envolve também dimensões simbólicas, identitárias e relacionais que influenciam o percurso acadêmico.

Por meio dos relatos é possível observar como essas vivências desafiam constantemente a Universidade a repensar as suas práticas e estruturas. Em relação às repercussões das políticas de assistência estudantil geridas pela UFCAT, Givânia chama a atenção:

Eu acho que comparando com quando eu entrei e hoje, eu já vi vários avanços, mas ainda assim, precisamos melhorar muito. Quando eu entrei a gente tinha só o programa inclui para indígenas e quilombolas hoje em dia a gente tem portarias que

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



dá prioridade à indígenas e quilombolas para MUC, para o R.U, então o pessoal chega e não precisa mais ficar esperando pra ter um lugar pra morar (Givânia)

A fala da participante, que teve a sua matrícula efetivada em 2019, reflete o avanço das políticas de permanência estudantil na Instituição, que embora tenham se efetivado em um curto espaço de tempo, estavam em disputas e articulações históricas.

Bomdespacho (2019) nos informa que a partir do ano de 2008 a UFG - Regional de Catalão começa a fomentar políticas de permanência do campo material por meio de pagamentos de bolsas em pecúnia para promover moradia e alimentação, mas, segundo a autora, oferecer bolsas em detrimento aos investimentos na construção de equipamentos sociais (restaurantes universitários e moradias estudantis) não atendia, na sua integralidade, aos direitos que foram posteriormente estabelecidos no PNAES.

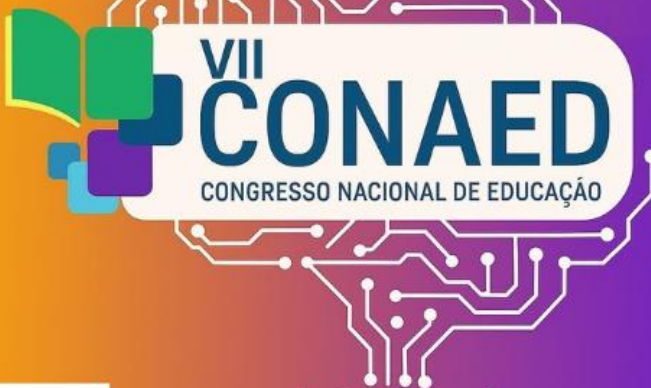
No que tange à promoção de permanência estudantil na Instituição até esse momento, é importante salientar que somente em 2015 o Restaurante Universitário passou a funcionar, e além do equipamento perdurou a bolsa de Moradia e Alimentação integral e complementar. Em seguida, implementou-se a bolsa Permanência.

Em 2021 foi inaugurada a Moradia Universitária do Cerrado - MUC/UFCAT, totalmente equipada com eletrodomésticos e mobília nos apartamentos, que passou a funcionar em 2022, ainda no mesmo ano foi inaugurado o Centro de Convivência Estudantil, com uma estrutura provisória e se promoveu a oferta da bolsa Auxílio Creche, visando a permanência das mães estudantes.

Joênia lembra como a adaptação da UFCAT às demandas das/os estudantes indígenas tem sido desafiadora para a instituição:

As políticas pra nós indígenas na Regional Catalão eram muito precárias, hoje em dia já melhorou um pouco mas tem muito o que melhorar. Quando eu cheguei só tinha um indígena além de mim.. o diálogo era muito difícil pq ninguém conseguia compreender o nosso contexto como indígena, nunca recebemos uma resposta como “vamos construir juntos” ou “vocês tem alguma sugestão?” era sempre respostas como “espera” “espera que estamos organizando” (Joênia)

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



Um estudo realizado por Maria Bergamaschi e colaboradoras (2018, p. 44) revela que, de modo geral, a pouca familiaridade com questões indígenas por parte das instituições trouxe grandes desafios para a implantação de políticas de acesso e permanência estudantil voltadas para esse grupo. A autora ressalta que, apesar dos limitados dados sobre as oportunidades de permanência oferecidas aos estudantes indígenas nas universidades apresentarem dificuldades para as instituições, eles indicam que, inicialmente, os programas de ações afirmativas para indígenas têm focado mais no ingresso do que na permanência (Bergamaschi, 2018).

Uma ação importante do Governo Federal que por meio do Ministério de Educação (MEC) instituiu, em 2013, o Programa de Bolsas Permanência para viabilizar a permanência de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, voltadas a estudantes indígenas e quilombolas. Desde então esse grupo de estudantes passou a ter direito a uma bolsa diferenciada, sendo o dobro do valor da bolsa dos demais estudantes.

As participantes indígenas e quilombolas desta pesquisa declararam estar vinculadas à Bolsa Permanência do MEC, no entanto essa bolsa institui um prazo para o término do curso e a maioria dessas/es estudantes não consegue cumprir o prazo estabelecido pelo MEC, considerando o contexto de desigualdade educacional em que estão inseridas/os. Givânia, que é quilombola, exemplifica um pouco esse contexto:

por exemplo quando eu vejo as pessoas falar que todas as escolas são iguais, mas não entendem que tem escola que estudam pessoas de séries diferentes na mesma turma com o mesmo professor, na época de chuva que tem enchente e não conseguimos ir pra escola pq tem que atravessar o rio.. não tem como comparar com escolas públicas da cidade com escolas particulares e as escolas do campo com as escolas da cidade.. (Givânia).

Gersem Luciano, intelectual Baniwa, aponta que o crescente interesse indígena pelo Ensino Superior está ligado à luta contra a marginalização e ao uso da educação para fortalecer saberes originários e capacidades de atuação política. No entanto, há um descompasso entre

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



esses objetivos e a lógica acadêmica, que resiste a incorporar perspectivas indígenas, tornando essencial uma escuta empática e intercultural por parte das universidades.

Mariana Paladino (2013, p. 110), ao mapear as ações afirmativas direcionadas aos povos indígenas brasileiros no Ensino Superior, destaca a "importância da multiplicação de núcleos de apoio dentro das universidades [...] que possam acompanhar de forma qualificada a população em termos pedagógicos, culturais e políticos, garantindo sua permanência e sucesso no ensino superior". Tais estruturas são fundamentais para proporcionar um ambiente acadêmico mais acolhedor, capaz de valorizar as especificidades dos diferentes grupos que hoje o compõem e contribuir para o sucesso dessas/es estudantes, ao mesmo tempo que possibilita a construção de uma universidade mais plural e sensível às diferentes epistemologias.

Visando diminuir a evasão de estudantes indígenas e quilombolas, a UFCAT efetivou duas ações, a primeira é um atendimento que estabelece prioridade das vagas da moradia para esse grupo de estudantes a partir da Portaria UFCAT Nº 514/2022. Em seguida, o estabelecimento da Portaria UFCAT nº 01/2023, que dispõe sobre o atendimento direto a estudantes indígenas e quilombolas que foram desligados/as do Programa Bolsa Permanência (PBP)–MEC.

Aliada à necessidade de permanência material das/os estudantes cotistas está a necessidade de permanência simbólica. Nesse sentido, as participantes chamam a atenção:

Seria bom a universidade pensar em algo que nos insira na rotina da universidade para facilitar a nossa vivência aqui... por exemplo textos acadêmicos, nós precisamos saber a diferença entre esses textos, eu não me lembro de ter lido um artigo, de aprender sobre qualis na escola (...) para apresentar todas essas coisas que não vimos fora daqui, pra nos ajudar a entender o espaço e nos sentir parte dele (Givânia).

Do ponto de vista da promoção de permanência simbólica, a Universidade implementou duas ações distintas neste período, instituídas no âmbito da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD-UFCAT), sendo elas: o Grupo de Acolhimento Travessia (2021), com o objetivo

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



de promover um espaço de acolhida, interação e apoio acadêmico, considerando as vivências durante a trajetória na Universidade, sobretudo frente ao cenário de pandemia, vivenciado naquele momento, além de buscar orientar as/os estudantes e contribuir para o processo formativo de sua autonomia enquanto discente de graduação.

E o Baquara: Programa de Acompanhamento Acadêmico de Discentes Indígenas e Quilombolas (2021), que tem o objetivo de auxiliar o processo de aprendizagem de estudantes indígenas e quilombolas vinculados aos cursos de graduação, por meio de atividades de tutoria desenvolvidas por estudantes vinculadas/os aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Guimarães; Erbs, 2022, p. 3).

Compreendendo dois períodos de matrículas de estudantes cotistas PPI na UFCAT (2012-2016 e 2017-2022) mostra que a taxa de exclusão caiu de 49,66% para 39,23% após a ampliação das políticas de permanência, como Restaurante Universitário, bolsas, Moradia Universitária do Cerrado, Centro de Convivência e auxílio-creche. Os dados indicam que essas ações contribuíram para reduzir desigualdades e melhorar as condições de conclusão dos cursos.

## CONCLUSÕES

Embora a UFCAT demonstre sensibilidade e empenho em oferecer apoio pedagógico a estudantes indígenas e quilombolas, ainda persistem barreiras significativas para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo. A universidade ainda não promoveu mudanças profundas na estrutura curricular, nas metodologias de ensino ou nos critérios de avaliação que reconheçam as especificidades culturais, linguísticas e epistemológicas dessas/es estudantes.

Essa ausência demonstra a dificuldade da instituição em romper com paradigmas pedagógicos universalizantes, que frequentemente desconsideram saberes ancestrais e modos

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



particulares de aprendizagem. Como resultado, as ações institucionais, apesar de constituírem avanços importantes, permanecem restritas a uma abordagem assistencialista, sem alcançar uma transformação estrutural que dialogue com os princípios de equidade e diversidade epistemológica.

Portanto, para avançar na democratização da permanência e da formação superior, é imprescindível que a UFCAT amplie seu compromisso institucional, incorporando práticas acadêmicas que valorizem e integrem as múltiplas formas de conhecimento presentes na universidade. Reconhecer os estudantes cotistas como agentes ativos de mudança exige ir além do suporte pontual, instaurando uma cultura acadêmica que efetivamente promova a inclusão e a justiça social.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n. 14. p. 79 – 95, set. 2003.

BERGAMASCHI, M. A. *et al.* Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. *In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 99, n. 251, pp.37-53, jan./abr. 2018.

BOMDESPACHO, Laurita de Queiroz. Orçamento Público como Ferramenta de Gestão no Ensino Superior: política de assistência estudantil na Regional Catalão/UFG e os desafios em fazer valer os direitos sociais. 2020. (Dissertação) - Mestrado em Gestão Organizacional, Programa de pós graduação em Gestão Organizacional - PPGGO, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão- UFG/RG, 2020.

CAJUEIRO, R. **Os povos indígenas em instituições de ensino superior públicas federais e estaduais do Brasil**: levantamento provisório de ações afirmativas e de licenciaturas interculturais. Laced, 2006.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



GUIMARÃES, Carolina; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Acolhimento e acompanhamento de estudantes na universidade: conquistas da pandemia. **Anais do VI CIM: O que a pandemia nos ensinou? Dos desafios do ensino remoto à problematização do ensinar-aprender na educação superior e tecnológica**, 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

MARINAS, José Miguel. La escucha en la historia oral. Palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007

PALADINO, M. Um mapeamento das ações afirmativas voltadas aos povos indígenas no ensino superior. *In*: BERGAMASCHI, M. A.; NABARRO, E.; BENITES, A. (Orgs.) **Estudantes indígenas no ensino superior: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2013.

PASSEGGI, M. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. Tradução de Dora Lilia Marín Diaz. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 23, n. 61, p. 25-39, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, São Paulo, ano 17, n. 37, 2002, p. 4-29; ¿Sobrevivirá América Latina? *In*: PALERMO, Zuma; QUINTERO, Pablo (Orgs.). **Textos de Fundación**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Signo, 2014

Realização:



Apoio:

